

PEDRA BONITA: UMA EPOPEIA DA LITERATURA E HISTÓRIA BRASILEIRA

BEAUTIFUL STONE: AN EPICS OF LITERATURE AND BRAZILIAN HISTORY

Edvânio Caetano da SILVA¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo verificar como o autor José Lins do Rego se beneficia de um fato histórico, bem como da realidade de um povo, por vezes esquecido, para a composição da sua obra *Pedra Bonita*, (1938), na qual consolida, em forma literária, a história de uma região do Brasil que até então pouco havia despertado o interesse de outros autores. Nesse trabalho, discorreremos acerca de como o elemento “memória”, ou seja, a vivência da qual o autor fez parte, desempenha um papel de grande valia na obra para torna-la mais que uma produção artística, transformando-a, também, em um documento para a História e Sociologia. Para tanto, uma fator que merece atenção aqui é o Regionalismo. O autor de *Pedra Bonita* foi um dos grandes defensores do Regionalismo do Nordeste. Por este motivo, sua produção, quase que na totalidade, tem como pano de fundo o emaranhado de todos os conflitos que juntos compunham a sociedade nordestina à época. Enfim, para nortear o trabalho, o texto e o contexto serão fundidos, para que a obra seja interpretada também pelo ponto de vista no qual os fatores externos e internos se combinam para o resultado final.

PALAVRAS-CHAVES: Pedra Bonita. Social. Literatura. História.

ABSTRACT: This paper aims to verify how the author José Lins do Rego benefits from a historical fact, as well as the reality of a people, sometimes forgotten, for the composition of his work *Pedra Bonita*, (1938), in the which consolidates, in a literary work, the history of a region of Brazil that until then had not aroused the interest of other authors. In this work, we will discuss how the element “memory”, that is, the experience of which the author was part, plays a very valuable role in the work to make it more than an artistic production, transforming it into a document for History and Sociology. For that, a factor that deserves attention here is Regionalism. The author of *Pedra Bonita* was one of the great defenders of the Regionalism of the Northeast. For this reason, its production, almost in totality, has as a background the tangle of all the conflicts that together made up the Northeastern society at the time. Finally, to guide the work, the text and the context will be fused, so that the work is also interpreted from the point of view in which the external and internal factors combine for the final result.

KEYWORDS: Beautiful Stone. Social. Literature. Story.

Introdução

Na nossa literatura brasileira, mesmo por uma questão de firmação e afirmação, principalmente do início dessa produção literária até meados do século XX, não é difícil encontrarmos traços relacionados à memória, que se explicam pelo contexto

1. Doutorando em Estudos Literários pelo Instituto de Linguagens: Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem; UFMT, campus de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: edvanioysel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1213-8985>.

político e econômico do país à época. Mesmo que o Brasil, pelo menos até o Modernismo, tivesse como modelo de produção artística os moldes europeus, sabemos que era necessário construir narrativas que viessem ao encontro dos anseios aqui presentes. É nesse contexto que encontramos autores românticos, realistas e naturalistas com obras nas quais o tecido narrativo são genuinamente brasileiros, pois o fio condutor da narrativa está intrinsecamente ligado à sociedade da qual se insere. Cada um desses movimentos, com os seus respectivos autores e obras, têm, obviamente, as características que os definem, todavia, há um traço comum, que é o fator “representação” de uma época. É com o modernismo que o modo de se produzir literatura no Brasil passa a ser questionado, e outras personagens entram em cena, já que, seguindo a tendência modernista, a literatura brasileira deveria ter como pano de fundo de suas narrativas, de modo amplo, todo o seu povo e seu costume, preocupando-se ativamente com o nosso folclore, o negro, o caboclo, o mestiço, enfim, toda a gente que compunha a sociedade, como bem nos demonstra Mário de Andrade com *Macunaíma*. Todavia, para alguns críticos, o Modernismo ficou bastante restrito ao círculo São Paulo/Rio, com produções, predominantemente, voltadas também para esse meio.

É nesse contexto que surge no Nordeste o grupo Regionalista, tendo em sua formação autores com produções voltadas à valorização da região de origem. Encabeçado por Gilberto Freyre, o qual “[...] reagiria violentamente contra o proverbial descaso do brasileiro pela conservação de suas tradições, pelo conhecimento aprofundado delas, sempre seduzido que fomos pelas modernizações de superfície.” (CASTELLO, 1961).

Na concepção freyreana, o Modernismo foi de suma importância para a produção artística no Brasil, porém, era ainda muito centrado nos grandes centros, sendo eles: São Paulo e Rio de Janeiro. Nessa conjuntura surgem os regionalistas, acrescentando às ideias modernistas o pensamento regional, no intuito de acrescentar à produção da época os traços da região nordestina. Em seu livro *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*, José Aderaldo Castello sintetiza os pensamentos do autor de *Pedra Bonita* sobre o regionalismo do Nordeste: “Consiste em buscar a unidade do todo através da observação profunda de suas partes fragmentadas, sobre as quais repousa uma experiência pessoal, autêntica, do escritor.” (CASTELLO, 1962, p. 107). O regionalismo é assim definido por José Lins do Rego:

O regionalismo de Gilberto Freyre não era um capricho de saudosista, mas uma teoria da vida, e, como tal, uma filosofia de conduta. O que queria com o seu pegadio à terra natal era dar-lhe universalidade, como acontecera a Goethe com os ‘lieder’, era transformar o chão do Nordeste: de Pernambuco, num pedaço do mundo. Era expandir-se, ao invés de restringir-se. Por este modo o Nordeste absorvia o movimento moderno, no que este tinha de mais sério. Queríamos ser o Brasil sendo cada vez mais da Paraíba, do Recife, de Alagoas, do Ceará. (REGO *apud* CASTELLO, 1961, p. 107).

Como notamos, a ideia desse grupo é a valorização, na produção artística, dos aspectos regionais, nesse caso, do Nordeste brasileiro. Ou seja, era um grupo formado por autores nordestinos - tendo na figura de Gilberto Freyre como o principal mentor - que tencionava produção de obras “locais”, permeadas de material do meio em que estavam inseridos. Nessa perspectiva, é importante ressaltar que, a partir do momento em que esses autores se preocupam com o regional, também se preocupam com o fator memorial e histórico na literatura, uma vez que esses aspectos estão intrinsecamente ligados.

É verdade que o grupo que compunha os chamados regionalistas era formado por uma gama de autores nordestinos - das mais variadas áreas artísticas - com o mesmo propósito, a saber:

Na pintura, com a obra de Cícero Dias, Manuel Bandeira e Luiz Jardim, na literatura de ficção, com a obra regionalista de José Lins do Rego, carregada ao mesmo tempo de crítica social e de conteúdo poética. [...] Mas, encontram-se também, vigorosa, no romance de José Américo de Almeida - *A Bagaceira* -, nos contos de Luiz Jardim, no romance autobiográfico, *Jundiá*, de Cícero Dias (estes dois último já citados como pintores), na poesia de Jorge de Lima e de Ascenso Ferreira, aos quais se acrescentaram outros nomes igualmente representativos. (CASTELLO, 1961, p. 37).

Havia, no entanto, uma considerável produção artística no nordeste, a partir da segunda década do século XX, cujos autores tinham como base os preceitos do regionalismo. Nesse campo de produção, todos eles partilham de uma mesma característica em comum, um elo de aproximação, independente do tipo de obra, que é o traço da memória. Nesse cenário, rememorar é fundamental para a confecção de obras genuinamente regionalistas, uma vez que tal procedimento exige do criador mais do que está localizado naquele espaço, mas também conhecer a sua história.

Portanto, essa abordagem memorialista nos interessa para podermos compreender a relação desse fator na produção literária de José Lins do Rego, especificamente *Pedra Bonita* (1938). Nessa obra, o autor evoca fatos históricos que fizeram parte da construção da identidade da região do sertão nordestino, tais como o misticismo, o fanatismo religioso, o cangaço, entre outros, fundindo a possíveis episódios que fizeram parte da sua vida, e transpõem para o campo da literatura.

Pedra Bonita: o enredo

A narrativa de *Pedra Bonita* principia com o protagonista, Antônio Bento, o Bentinho, no alto da torre da igreja, exercendo a sua tarefa diária de tocar os sinos para despertar os viventes do Açú. Temos, através desse personagem, uma espécie de mensageiro, que, do alto, desperta a vila adormecida. Nesse momento ele está na

idade mediana, entre criança e adulto, vive sob a proteção do padre Amâncio, deixado pela sua mãe, com quatro anos de idade, durante a retirada acarretada por uma grande seca. Todavia, sua família é descendente dos Vieras, gente da Pedra Bonita, vista como os responsáveis por toda má sorte que paira sobre a vila do Açú, já que, em tempos distantes, foi um deles o delator, conseqüentemente responsável pela matança ocorrida naquela região.

O protagonista cresce como criado do padre, o que de certo modo o distancia da fúria dos moradores do Açú, sem deixar, evidentemente, de sofrer as conseqüências pelo fato de pertencer à família do “judas”. É a sua gente que no decorrer da narrativa enverada pelos dois caminhos: fanatismo religioso e do cangaço, levando com eles tantos outros, enquanto Bentinho, muito embora sofra, física e psicologicamente, o impacto de tudo isso, não toma partido, permanece até o final da narrativa neutro aos dois lados, rompendo com as vertentes do espaço em que está inserido.

Acerca de José Lins do Rego e seu romance, *Pedra Bonita*, Otto Maria Carpeaux define essa narrativa – analisando-a não simplesmente no campo da literatura - para além de apenas um documento sociológico, já que seu criador soube adentrar no mais profundo veio dos problemas sociais daquela região do sertão nordestino e transpô-los de modo acertado para o campo artístico. Ainda em sua opinião: “Essa obra não morre tão cedo. É eternamente jovem como o povo; é eternamente triste, como o povo.” (CARPEAUX, 1984, p. 8). No entendimento do crítico, o autor de *Pedra Bonita* é estimado como “[...]o trovador trágico da província, o último dos contadores profissionais de histórias.” (CARPEAUX, 1984, p. 9).

Nesse romance há dois espaços geográficos, voltados um contra o outro, conduzidos por uma espécie de ódio cego e secular: a vila do Açú e Pedra Bonita. Não podemos deixar de ressaltar, aqui, a importância que José Lins do Rego despence ao espaço, pois estes dois assumem, diante da narrativa, características próprias de personagens, são eles os responsáveis por todo o desenrolar da trama. Os personagens humanos entram na história como fruto daquele espaço, todavia, são eles os agentes que, por meio de suas ações, transformam e agem sobre o lugar. Assim, a vida plácida da gente do Açú é abalada por aquela outra unidade mítica de seus arredores que é Pedra Bonita:

Do alto da torre Antônio Bento via as terras que se perdiam de vista, as serras do norte, sumindo-se na distância, quase se confundindo com as nuvens. Por aquelas bandas ficava a Pedra Bonita, a terra dos diabos, o fim do mundo, o calcanhar-de-judas. (REGO, 1979, p. 32).

Pedra Bonita, ou seja, o espaço geográfico no qual se localizam as duas pedras palco do derramamento de sangue quando da aparição do “santo”, penetra as criaturas e as coisas do Açú, ao menos é isso que acredita a sua gente, transformando-o em

uma vila a ermo, agonizando com seus poucos viventes no meio do nada, lugar em que nada prospera, ao contrário, vive em uma estagnação absoluta: “D. Eufrásia achava o povo do Açú uma gente infeliz, uma gente diferente. Não sabia o que era, mas uma coisa lhe dizia que todos ali escondiam um segredo, uma vergonha.” (REGO, 1979, p. 14). O leitor, através de Bentinho, toma contato com os mistérios que pairam sobre o Açú, bem como, ao longo da narrativa, os motivos que leva a cidadezinha a tal sinistro, “sertão mais infeliz” como “um miserável com suas chagas ao sol”.

A vida no Açú é insignificante e desprezível, sua gente é fadada ao esquecimento e ao descaso, a existência lá é de fato parca, como se todos ao mesmo tempo estivessem a pagar uma interminável penitência. É nesse contexto que surge a figura do padre Amâncio, que, além de “salvar” Bentinho, também é tido como o Messias local, que tenta a oportunidade de deixar o lugar, resolve lá permanecer, como um salvador trágico, finca raízes naquela terra de castigo. Assim o padre Amâncio se entrega à gente e à igreja do Açú em uma missão que fracassará, já que as duas vertentes que formam o leito dessa narrativa, a saber: o fanatismo religioso e os cangaceiros, estouram como força maior.

Há no romance um narrador em terceira pessoa, que em alguns momentos chega a ser confundido com a voz do protagonista, Bentinho. Por exemplo, em instantes de monólogos íntimos dele, quando ao subir a torre da igreja para tocar o sino em seu ritual rotineiro, tece, lá do alto, considerações sobre sua vida e o Açú. Desse modo, em alguns momentos, parece mais conveniente entender a narrativa em termos individuais do que coletivo, ou seja, pautada apenas na vida do criado do padre e não em toda a gama de pessoas que compõem a Pedra Bonita e o Açú. Em relação à trama que envolve os personagens da obra, todos têm alguma relação direta ou indireta com Bentinho. Nesse sentido, temos a frustração dos poucos seguidores do padre Amâncio, a animosidade de D. Fausta e sua relação atípica com o pai, as relações da política local, a derrocada definitiva da família dos Vieiras – consumidos pelo fanatismo religioso e pelo cangaço -, entre outros episódios que formam a narrativa, têm no protagonista o fio condutor para desenvolverem suas ações: “Antônio Bento não sabia como, mas se sentia um pouco culpado de tudo.” (REGO, 1979, p. 80).

Ainda acerca dos pontos expostos que fazem parte do romance aqui analisado, e para melhor compreendermos os enlaces presentes na produção, é importante atentarmos para o que diz Adonias Filho: “*Pedra Bonita* é a penetração humana que se apreende na busca de certa queda psicológica. O drama nordestino do fanatismo religioso, em sua própria valorização mística, tem aqui um dos seus momentos decisivos.” (FILHO, 1969, p. 48). Isso porque o autor soube transitar coerentemente a tênue linha entre literatura e os problemas sociais de toda uma região, já que seus personagens, em maior ou menor grau, estão a serviço de uma crítica social ao mesmo tempo que é literatura no sentido mais amplo possível.

***Pedra Bonita*: literatura, memória e história**

Sabemos que no campo da literatura é fundamental não confundirmos autor com narrador, a fim de evitarmos o empobrecimento da obra. Todavia, quando falamos em autores regionais, faz algum sentido essa relação entre autor e narrador, especificamente quando se trata de José Lins do Rego e sua produção literária. O autor de *Pedra Bonita* viveu a riqueza do engenho de açúcar em sua infância, assim como também presenciou, ou teve contato indiretamente, com alguns acontecimentos típicos do sertão nordestino, dos quais tirou material para algumas de suas obras, transformando as ocorrências que fizeram parte da sua vida de menino, em pano de fundo para tecer alguns romances. Sobre estes aspectos na obra do romancista autor de *Pedra Bonita*, observa Álvaro Lins:

José Lins do Rego, cuja obra tem exatamente esta finalidade de uma ligação mais profunda e menos convencional com a terra. Os seus personagens, os seu enredo, o seu ambiente social, a sua imaginação – toda a sua vida é a de um homem que sente a sua terra e tem o destino de exprimi-la literariamente. (LINS, 1948, p. 36).

Importa salientarmos que, o romancista José Lins do Rego, ao confeccionar sua obra, transpõe para a linguagem literária vestígios do cotidiano da sociedade da qual pertence. Todavia, sua produção não fica restrita a simples registros autobiográficos, já que o elemento memória está presente no sentido de pautar a narrativa em um espaço condizente com os ideais do regionalismo. Nessa perspectiva, em relação à *Pedra Bonita*, pode-se observar que uma ocorrência sócio-histórica, episódio verídico sucedido cerca de um século antes da publicação do livro, na região do sertão de Pernambuco, e que, entre outras, deve ter feito parte das histórias as quais o autor teve contato em sua infância, funciona como fonte de inspiração e pano de fundo para a narrativa que se desenrola no romance aqui mencionado.

Num acampamento em pleno sertão pernambucano, 17 homens, de repente, sacaram seus facões. Com eles, executaram mulheres, velhos e crianças. Outros, num estado de descontrole, seguiram o exemplo. Assassinaram seus próprios pais, filhos e esposas. Usaram o sangue para lambuzar duas torres de pedra, marcos do acampamento. As mesmas pedras serviram para quebrar o crânio de crianças. Mais de 200 pessoas foram mortas. Era 14 de maio de 1838. Os homens em questão, tanto os assassinos quanto os mortos, eram seguidores de uma seita conhecida como Pedra do Reino ou Pedra Bonita. (SUENAGA e MAUSO, 2006).

A verdade é que, não apenas José Lins do Rego, mas diversos romancistas têm pendido para acontecimentos importantes como guerras, catástrofes, eventos políti-

cos, entre outras ocorrências da História, no intuito de, a partir dessa vasta fonte de experiências de vidas humanas, produzirem suas obras, como oportunamente denota Maria Teresa de Freitas:

A matéria histórica pode ser considerada um importante ‘fermento’ da imaginação criadora na literatura universal de todos os tempos. Se considerarmos, por exemplo, a ampla produção literária do século XIX na Europa, perceberemos que as ‘grandes’ obras romanescas – as que tiveram recepção favorável e importante repercussão – são aquelas que, de uma forma ou de outra, evocam acontecimentos históricos, ou, pelo menos, se inserem num contexto sócio histórico preciso. A História foi, sem sombra de dúvida, uma fonte permanente de inspiração para os romancistas. (FREITAS, 1986, p. 3).

Pedra Bonita faz parte, na produção de José Lins do Rego, do chamado ciclo do cangaço, o qual aborda as complexas relações sociais do sertão nordestino. Esse ciclo tem início em 1938, ano de publicação desse romance, tendo mantido um intervalo de produção de obras voltadas para este tema até 1953, ano da publicação de *Cangaceiros*, segundo e último romance dessa série. Nesse ciclo se faz presente a valorização da cultura do sertão brasileiro com uma espécie de visão trágica da vida - principalmente para os mais desfavorecidos -, regada à presença do fanatismo religioso, coronelismo como força maior da terra, patriarcalismo e uma sociedade ruralista estagnada.

Nessa obra, o autor adentra no mundo do fanatismo religioso e da criminalidade do cangaço. Mundo em que se mesclam vivências de horror, de espiritualidade exacerbada, de fanatismo cego, de desejos de vingança, violência extrema, mas que, em verdade, são todos emaranhados por uma mesma causa: a injustiça social, e desumanidade, de todas as partes, tanto dos cangaceiros, como da força policial quanto dos coronéis da terra, estes últimos como estopim de quase tudo que move a história, pois são eles a força opressora que recai sobre os mais desvalidos. Forças devastadoras que agem na esfera social, e se aprofundam nas relações entre o homem e o lugar.

Muito embora José Lins do Rego tenha sua produção voltada em peso para o chamado ciclo da cana-de-açúcar, uma vez que, seguindo os princípios do regionalismo, ele toma como ponto de partida sua região de origem para dar vida aos mais variados tipos de personagens que rondam sua produção. Todavia, *Pedra Bonita* desponta como uma exceção, já que até 1938 o romancista havia fixado as raízes de suas narrativas em terras litorâneas, de senhores de engenhos. Contudo, não podemos deixar de levar em consideração que sendo ele um autor regionalista, em seu entendimento, deveria apresentar amplamente, em linguagem literária, toda a sua região nordestina, e isso incluía também o sertão.

Ainda acerca dessa abordagem do Regionalismo na obra de José Lins do Rego, há alguns críticos que deram alguma atenção a esse aspecto - já que sua produção

perpassa, prioritariamente, esse caminho - dentre eles José Maurício Gomes de Almeida, o qual aponta:

Com José Lins do Rego o romance regionalista brasileiro alcança um de seus momentos mais altos. Herdeiro do Movimento Regionalista, o autor procura colocar em prática aqueles ideais estéticos tão calorosamente defendidos por Gilberto Freyre e por ele próprio no decênio anterior: uma condição artística fundada nas vivências pessoais de cada um, opta portanto a desvendar aspectos novos do cotidiano regional, que os preconceitos acadêmicos haviam banido da esfera artística. Com isso a obra, além de seu valor intrínseco como realização estética, adquire o sentido de verdadeiro depoimento. (ALMEIDA, 1981, p. 213).

Porém, a atenção por parte da crítica literária despendida ao escritor paraibano, recai quase que exclusivamente - mesmo no tocante ao Regionalismo - ao ciclo da cana-de-açúcar, e, conseqüentemente, pouco se fala do outro ciclo, o do cangaço. Nele, composto com as obras *Pedra Bonita* (1938) e *Cangaceiros* (1953), percebemos romances os quais a narrativa, além do seu valor literário, vêm também carregados com um certo valor sociológico e histórico. Isso porque tenciona à denúncia de uma sociedade campestre, jogada à sorte da cultura local.

Há também a preocupação social, que desponta como uma constante em toda a obra de José Lins do Rego, com elevada intensidade em *Pedra Bonita*. O romance assume uma função de denúncia das deformações da sociedade brasileira da região do sertão nordestino, uma vez que privilegia aspectos da vida do povo sertanejo com toda a carga dramática de sofrimento e problemas enfrentados por eles, que são, também, castigados por intempéries do local, com ocorrências tais como: a seca, a volante, os políticos e por vezes pelos poderosos da terra. Pensando sobre este aspecto da preocupação social, pautado no elemento memória, que José Lins do Rego sempre demonstrou em suas obras, Lêdo Ivo observou:

Pedra Bonita é uma das mais importantes obras de nossa literatura. O seu conteúdo literário revela o artista poderoso cujo fôlego só a morte estancou. E sua importância social é cada vez maior. Na verdade, o neto dos senhores de engenho conseguiu captar em sua obra os veios mais profundos da alma e dos anseios do povo brasileiro. (IVO, 2005, p. 181).

Em essência, o que Lêdo Ivo relativiza em *Pedra Bonita* é seu caráter social unido aos aspectos de uma boa narrativa literária. Social no sentido de que o romancista demonstra, através dos seus personagens e o espaço narrativo, um engajamento em expor os problemas típicos daquela região onde a história se desenvolve; e boa narrativa literária no sentido em que o autor soube se desprender de qualquer caráter biográfico, de modo a dá ao romance o conteúdo literário de que precisa para uma boa obra.

No que se refere ao social, em *Pedra Bonita*, é importante atentar-se, também, para o que diz Antônio Candido a esse respeito:

Deve produzir sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentido dos valores sociais. Isso decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 1976, p. 20-21).

Antônio Candido aponta para o fato da necessidade de a obra produzir uma reflexão em seus leitores, e que se apresente como algo útil à vida em sociedade, ou mesmo individual, desde que leve o leitor a um posicionamento enquanto cidadão. Esta era, sem dúvidas, uma das preocupações do escritor José Lins do Rego ao longo de sua produção, bem como em *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*, como reitera Candido:

Uma das forças dos livros do Sr. José Lins do Rego é que eles assentam sempre sobre uma realidade social intensamente presente e agente, condicionada a circulação das pessoas e contribuindo para a análise diferencial que delas faz o romancista. (CANDIDO, 1992, p. 62).

O leitor percebe essa relação com o social em momentos como, por exemplo, quando o autor privilegia o espaço de notável problemática social para inserir seus personagens, conforme Anita Martins de Moraes aborda a questão dos aspectos dos elementos sociais em *Pedra Bonita*, para a autora: “Ao privilegiar o espaço doméstico, o romance de Rego, além de escolher uma abordagem sociológica, permite a identificação do leitor com as personagens humanizadas.” (MORAES, 2002, p. 47).

Importa, também, salientarmos que, a temática abordada nas produções do ciclo do cangaço não é delimitada a José Lins do Rego, já que outros autores, tais como: Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e José Américo de Almeida, em suas respectivas narrativas, em algum momento, também se apropriaram desse tema. No entanto, o autor de *Pedra Bonita* faz uma abordagem mais profunda e precisa acerca desse conteúdo, tanto o é que todos os personagens da trama estão ligados direta ou indiretamente aos cangaceiros. Isso porque toda a narrativa se desdobra em torno do misticismo religioso e do cangaço. O primeiro se mostra através dos personagens seguidores do Santo da Pedra Bonita, e o cangaço por meio dos homens que em uma espécie de revolta, ou mesmo em tentativa de fuga do meio em que estão inseridos, se tornam cangaceiros em busca de uma falsa liberdade, já que o cangaço é também um aprisionamento. José Maurício Gomes de Almeida faz uma oportuna ressalva sobre o modo como José Lins do Rego aborda essa temática: “Ao contrário de Graciliano Ramos, pode-se afirmar que José Lins do Rego parte da confissão para a ficção, da identificação romancista/perso-

nagem para uma crescente autonomia deste último.” (ALMEIDA, 1981, p. 192). Nesse contexto, notamos que em verdade, os personagens criados pelo autor de *Pedra Bonita* assumem independência na obra literária, ou seja, muito embora estejam ligados, de algum modo, as reminiscência do romancista, são criações autônomas dentro da obra.

Os protagonistas do romance são, para a boa fluidez da obra, dotados de características distintas, que englobam um todo social, com características intrínsecas à região onde estão inseridos. Ainda em relação a esses elementos de uma sociedade como um todo em *Pedra Bonita*, é relevante o que diz Álvaro Lins em relação a ela: “Toda a obra do Sr. José Lins do Rego constitui, por isso, uma importante documentação social para utilização posterior dos sociólogos e dos historiadores.” (LINS, 1948, p. 41). Isso porque o romance não estagnou no tempo, a temática perpassa os limites deste e arvoira rumo à atemporalidade, nesse sentido, como denota Álvaro Lins, é que o romance alcança também o posto de documento social e histórico.

De posse dos apontamentos descritos até aqui, podemos dizer que a produção de José Lins do Rego se presta a dois aspectos fundamentais da teoria literária: o primeiro deles é o singelo e profundo, já que sua narrativa apresenta, via de regra, ares de oralidade além de ser despretensiosa, sem apegos à escrita erudita e arrojada, e ao mesmo tempo profunda. Não que a forma não tenha importância para o autor, mas o conteúdo sobressai a ela, é complexo e totalizante o que se narra, no caso, artisticamente, a apresentação de uma parte do sertão nordestino. O outro aspecto é o limite tênue entre ficção e realidade, percorrido pelo autor de modo que o romance tenha todos os contornos inerentes à narrativa ficcional. Nesse sentido, o conjunto da obra de José Lins do Rego representa uma baliza histórica na literatura regionalista e memorialista, por trazer para o campo da literatura protagonistas tantas vezes secundarizados, como o negro, o trabalhador braçal, além, de nessa perspectiva, passar também por temáticas como o declínio do Nordeste canavieiro, no chamado ciclo da cana-de-açúcar, com as obras: *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O Moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936) e *Fogo Morto* (1943). Também, como já nos referimos anteriormente, o romancista traz à luz da produção literária personagens ainda mais marginalizados que aqueles citados antes, como o povo do sertão nordestino, o caboclo sertanejo, os fanáticos religiosos, as volantes, nas duas obras ciclo do cangaço. Há ainda os romances que não pertencem a nenhum desses ciclos, são elas: *Pureza* (1937), *Riacho Doce* (1939) e *Eurídice* (1947).

Mesmo com uma vasta produção e com diferentes roupagens, ou seja, distintos “cenários” para seus romances, o traço fundamental na confecção dos romances de José Lins do Rego é o elemento regional, esse, todavia, intrinsecamente ligado ao fator memória. Ainda sobre a atuação do escritor paraibano para o grupo do Regionalismo, Adonias Filho nos traz um oportuno apontamento:

Como o lugar certo na moderna ficção brasileira, um dos responsáveis pela importância do romance nordestino, José Lins do Rego tem em sua obra novelística uma espécie de mural regional que se valoriza na linguagem tão aproximada da fala. Percorrer as páginas desses romances, vendo surgir personagens e mundo através de costumes e tipos sociais, será reencontrar toda uma região humanamente fiel a percepção do escritor. (FILHO, 1969, p. 47).

Por vezes, quando se fala em regional, no campo da literatura, há a inconveniência de restringir a obra assim descrita, a um menor grau, já que a crítica literária, quase via de regra, toma alguns modelos de produção, aquelas com pretensões “universais” como parâmetro. Porém, é bem verdade que ser regional não significa ser menor, como aponta T. S. Eliot lembra:

Os maiores poetas, aqueles que têm uma importância internacional ou universal, são todos locais. Porque tanto mais são eles da terra natal, de seu povo, de sua língua nacional, mais são eles poetas eternos. Todo poeta tem para o seu próprio país, e para o seus compatriotas uma significação que não terá para os outros. O fato é que um poeta, se ele não é um grande poeta em seu país, não será grande em parte nenhuma. (ELIOT *apud* CASTELLO, 1952, p. 195).

Ideais como esses perpassam toda a produção de José Lins do Rego, já que ele, artisticamente, traça suas narrativas tendo como pano de fundo determinadas regiões do Nordeste brasileiro, como, por exemplo, em *Pedra Bonita*, na qual há o realce à vida do sertanejo com toda a problemática que o cerca.

Considerações finais

Nossa crítica literária brasileira sempre foi, quase que predominantemente, a bem da verdade, discípula de modelos os quais pregavam a questionável ideia de universalidade à obra. Todavia, em termos gerais, é difícil chegar a um comum acordo entre o que é afinal ser literatura universal. Muito embora, haja outras perspectivas nos últimos anos, temos que lembrar que o romance *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego, é de 1938, e não se inseria na produção modernista que à época estava no auge. Visto de perto, *Pedra Bonita* encontra dois problemas, os quais justificam seu isolamento enquanto produção literária de vigor dos anos 30, sendo o primeiro deles: seu autor era conhecido até então como o representativo por excelência do chamado ciclo da cana-de-açúcar, com obras de largo conhecimento de público e crítica, quando inaugura, com esse romance, o outro ciclo, o do cangaço, novo para ele; o segundo empecilho é que, sendo José Lins do Rego um defensor e adepto do Regionalismo, bem como do elemento memória na confecção de suas narrativas, isso causava certo estranhamento por parte da crítica.

Porém, apesar da pouca recepção despendida à *Pedra Bonita*, tanto pela crítica quanto pelo público, o fato é que ela se mostrou ao longo do tempo uma obra com um forte veio singular, no qual aborda de maneira pueril três áreas importantes para a sociedade, sendo elas: a literária, a social e a história. Desse modo, não há como negar que o modo escolhido por José Lins do Rego para a confecção da sua obra seja inferior a outros tidos como clássicos, ou mesmo modernos.

Referências

- ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- CANDIDO, Antônio. A Personagem do Romance. In: _____. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.
- CARPEAUX, Otto Maria. O brasileiroíssimo José Lins do Rego. In: REGO, José Lins. *Fogo Morto*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego: modernismo e regionalismo*. São Paulo: EDART, 1961.
- FILHO, Adonias. *O romance brasileiro de 30*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1969.
- FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e História: O Romance Revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual, 1986.
- FREYRE, Gilberto. *Manifesto Regionalista*. Rio de Janeiro: IJNPS, 1976.
- IVO, Ledo. *Pedra Bonita*. In: SEIXAS, Heloísa (Org.). *As obras-primas que poucos leram*, 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LINS, Álvaro. *O romance brasileiro contemporâneo*. Rio de Janeiro: Tecnoprint gráfica, 1948.
- MORAES, Anita Martins Rodrigues de. *Os limites da civilização na escrita do sertão: um estudo das categorias civilização e barbárie em alguns romances brasileiros*. Dissertação de Mestrado, Campinas, Unicamp/ IEL, 2002.
- P, MAUSO; SUENAGA, C. *Seita pedra bonita: sebastianismo à brasileira*. 2006, atualizado em 2017 – site: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/acervo/seita-pedra-bonita-sebastianismo-brasileira-434944.phtml>>.
- REGO, José Lins do. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- _____. *Pedra Bonita*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.